

Os periódicos Espíritas do final do século XIX à década de 1960

Pedro Paulo Amorim¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v10i28.36933>

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a relação entre a criação dos diversos periódicos espíritas desde a sua chegada ao Brasil até a década de 1960 e o seu caráter de religião eminentemente letrada, onde o livro, a leitura e o estudo ocupam lugar de destaque no seu sistema ritual, além de fazerem parte do ser espírita.

Palavras-chave: Espiritismo; livro; religião.

The Spiritist periodicals from the late nineteenth century to the 1960's

Abstract: The purpose of this article is to analyze the relationship between the creation of several Spiritist journals since their arrival in Brazil until the 1960s and their character as an eminently literate religion, where books, reading and study occupy a prominent place in their ritual system, besides being part of the spiritist being.

Keywords: Spiritism; book; religion

Los periódicos Espiritistas de finales del siglo XIX hasta la década de 1960

Resumen: Los periódicos Espiritistas de finales del siglo XIX hasta la década de 1960. El objetivo de este artículo es analizar la relación entre la creación de varias revistas espiritistas desde su llegada a Brasil hasta la década de 1960 y su carácter eminentemente religioso, leer y escribir en el libro, la lectura y el estudio de ocupar un lugar destacado en su sistema ritual, siendo parte de ser espiritualista además.

Palabras clave: espiritismo; periódicos; religión

Recebido em 30/02/2017 - Aprovado em 20/04/2017

I. Introdução

Durante as minhas pesquisas para o desenvolvimento de minha dissertação de mestrado e posteriormente na confecção de minha tese um aspecto do Espiritismo destacou-se sobremaneira aos meus olhos, ou seja, a distinção dada ao livro e ao estudo no interior do Movimento Espírita. Em uma primeira aproximação entre o Espiritismo e

o livro devemos ter em mente a pessoa do próprio compilador do Espiritismo Allan Kardec² e sua atuação como educador durante mais de trinta anos, tendo publicado inúmeros livros de cunho pedagógico (WANTUIL; THIESEN, 2004, 133 – 180), além do chamado Pentateuco Espírita³.

As relações entre o Espiritismo e o livro não são tema novo no interior da academia, como podemos observar já no pioneiro estudo de Cândido Procópio Ferreira de Camargo denominado “Kardecismo e Umbanda”, no qual o autor investiga o desenvolvimento das duas religiões e propõe a formação do que define como um “continuum” religioso composto em uma das pontas pela Umbanda e na outra pelo Kardecismo mais ortodoxo, intermediados por uma vasta variedade de religiões que tratam dos fenômenos mediúnicos (CAMARGO, 1961, XI – XIX). Camargo foi também um pioneiro ao afirmar que o Espiritismo brasileiro possui como traço distintivo o caráter religioso, sendo este responsável pelo seu sucesso (CAMARGO, 1961, 4 – 8). Ainda nessa obra, encontramos outro marco de pioneirismo quando o autor afirma que a difusão do livro tem um caráter importante no interior do Espiritismo brasileiro, ao dizer que “igualmente típico da “internalização” do Movimento Espírita, em grau menor, umbandista, é a importância que assume o livro como fator de difusão e manutenção da convicção religiosa” (CAMARGO, 1961, 63).

Para a historiadora e antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, o Espiritismo é uma religião letrada, codificada, na qual o livro, a leitura e o estudo ocupam, junto com a caridade e a mediunidade, um lugar de destaque no seu sistema ritual (CAVALCANTI, 1983, 12). A autora destaca a importância do estudo e por conseguinte do livro e da leitura quando aponta que

¹ Doutor em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro do Grupo de Trabalho de História das Religiões e das Religiosidades, núcleo Santa Catarina (GTHRR/SC). Email: pedropaulo.amorim@gmail.com

² Denizard Hyppolyte Leon Rivail adotou o uso de um pseudônimo a fim de, em primeiro lugar, evitar confusões devido ao seu extenso e conhecido trabalho no mundo científico da época; em segundo, para proteger o nome de sua família, muito conhecida na magistratura francesa e, por fim, devido a uma comunicação mediúmica onde seu guia espiritual relatara terem ambos vividos juntos uma existência anterior nas Gálias, como druidas, sob o nome de Allan Kardec. Disponível em: WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec: o educador e o codificador**. Vol. 1. Rio de Janeiro: FEB, 2004. p. 275-282. Também sobre tal aspecto da vida de Kardec, autores como Aubrée e Laplatine advogam as ideias de que esta identidade representa uma tentativa de diminuir o peso de uma herança católica francesa, recorrendo a um passado celta, pré-cristão, onde se endossava a crença reencarnacionista. Conforme AUBRIÉE, Marion; LAPLATINE, François. *La table, le livre et les esprits*. Paris: JC Lattès, 1990.

³ As cinco obras formadoras do Pentateuco são: “O Livro dos Espíritos”, referente à parte filosófica, de abril de 1857; “O Livro dos Médiuns”, relativo à parte científica, de janeiro de 1861; “O Evangelho segundo o Espiritismo”, relativo à parte moral, de abril de 1864; “O Céu e o Inferno, ou A justiça de Deus segundo o Espiritismo”, de agosto de 1865; “A Gênese, Os Milagres e as Predições”, de janeiro de 1868. (Nota do autor)

a valorização do estudo relaciona-se a características estruturais desse sistema de crenças. É preciso que os homens, de seu lado, estudem e conheçam, participem em sua dimensão humana e menor dessa Verdade que os Espíritos detêm e lhes transmitem gradualmente. O estudo eleva o homem, dá-lhe firmeza e segurança, torna-o digno dos Espíritos. Essa religião desenvolve assim em seus adeptos um gosto pelo conhecimento, pela leitura, uma *sede de saber* (CAVALCANTI, 1983, 55).

Outra contribuição expressiva vem da obra do antropólogo Bernardo Lewgoy, que redimensiona o entendimento do Espiritismo, quando insiste na compreensão das práticas espíritas, a partir da noção de práticas de leitura. Deste modo, no Espiritismo haveria a legitimação “da autoridade de seu referencial doutrinário, cosmológico e ritual por meio de práticas culturais letradas, que necessariamente envolvem a escrita e a leitura em sua realização” (LEWGOY, 2000, 15). Para o autor, o Espiritismo é uma religião da cultura escrita no sentido de pressupor limites mínimos de letramento ao seu adepto a fim que este possa participar de forma efetiva nos trabalhos realizados cotidianamente nos centros espíritas (LEWGOY, 2000, 9). Para Lewgoy,

o espiritismo kardecista não é apenas uma religião do livro que contém uma abundante literatura religiosa mas é, em sua essência, uma religião letrada, no sentido de que, dado o seu enraizamento em temas e emblemas que caracterizam a modernidade ocidental, desde o Século XIX, como o racionalismo iluminista, o cientificismo e o gênero romance – o espiritismo se apropria religiosamente desses fatores numa espécie de leitura cristã dessecularizante da “ciência” e da “literatura” (LEWGOY, 2000, 15).

No surgimento da doutrina espírita, a base de seu desenvolvimento e distinção eram os fenômenos de efeitos físicos, como por exemplo, as “mesas girantes e dançantes” e as chamadas “materializações”, embora o marco considerado fundante para o Espiritismo tenha sido o próprio livro (o Pentateuco Kardequiano). Hoje, no Brasil, a sua caracterização não passa mais por tais fenômenos, mas sim pelo livro (AUBRÉE; LAPLATINE, 1990, 196).

Figura 1 – Divulgue o Espiritismo - Panfleto

DIVULGUE O
ESPIRITISMO,
uma nova era para a humanidade

DEUS,
Inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas

JESUS,
o guia e modelo

KARDEC,
a base fundamental

“Fora da caridade não há salvação”
Caridade: benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas. (L.E. 886)

CONSELHO ESPÍRITA INTERNACIONAL

Fonte: CEI – Conselho Espírita Internacional.

No folheto denominado *Divulgue o Espiritismo*, a FEB explicita suas intenções do que vem a ser, entre outras coisas, o Movimento Espírita e o que são os grupos, centros ou sociedades espíritas que atuam no interior do movimento. O Movimento Espírita seria “o conjunto das atividades que têm por objetivo estudar, divulgar e praticar a Doutrina Espírita, contida nas obras básicas de Allan Kardec, colocando-a ao alcance e a serviço de toda a Humanidade” (FEB, 2002, 2).

Os grupos, centros ou sociedades espíritas, conforme o mesmo folheto,

são núcleos de estudo, de fraternidade, de oração e de trabalho, praticados dentro dos princípios espíritas; são escolas de formação espiritual e moral, que trabalham à luz da Doutrina Espírita;[...] (FEB, 2002, 3).

Fica claro, diante da elaboração e distribuição desses folhetos, e de outros textos dirigidos ao público em geral e, particularmente, ao que a FEB denomina de Movimento Espírita, entre outras coisas, o seu projeto de instituir uma identidade espírita centrada em torno de si. Também podemos notar a centralidade dos textos, e o seu uso de forma ampla, na tentativa da Federação Espírita Brasileira de controlar o campo por intermédio dessas leituras e o estilo de escolas e núcleos de estudo dados às instituições formadoras do campo espírita.

Na época do surgimento do Espiritismo na França, ler o *Livro dos Espíritos* era uma tomada de decisão política, como foi a leitura da Bíblia durante a Reforma Protestante, simbolizando o acesso ao conhecimento, assim como um ato de libertação quanto ao conservadorismo católico e, do mesmo modo, um ato de insubordinação aos valores burgueses da sociedade, refletindo uma identidade laica e republicana (AUBRÉE; LAPLATINE, 1990, 196). Os espíritas franceses de então pertenciam em sua grande parte à classe média, constituída por indivíduos que desejavam uma forma de religiosidade que estivesse de acordo com o seu tempo, ou seja, que acreditasse no progresso, na ciência, na “evolução” da humanidade e, ainda, garantisse a liberdade de consciência (SILVA, 2005, 18).

Na transferência do Espiritismo para o Brasil, a centralidade do livro e da leitura ganhou novo caráter, configurando como símbolo de ascensão social, em que saber ler e poder estudar é a marca de pertencimento às classes médias e superiores, além de ser uma resposta concreta às acusações de obscurantismo (AUBRÉE; LAPLATINE, 1990, 196). Ficando claro, desse modo, o papel de vanguarda das elites no desenvolvimento do Espiritismo também no Brasil, onde saber ler e escrever era privilégio concedido a muito poucos.

II – Os periódicos espíritas

Como podemos constatar nas linhas anteriores, de acordo com o Espiritismo, a cultura letrada e o livro fazem parte do ser espírita; por conseguinte, a concepção do ser espírita pressupõe o letramento e o efetivo estudo dos livros e textos que compõem sua doutrina e a participação nos cursos oferecidos pelas casas espíritas. Essa concepção ligada aos livros e ao estudo nasceu junto com sua criação pelas ideias de Allan Kardec e de seus seguidores.

Logo, nada mais lógico do que o Espiritismo possuir uma abundante obra literária composta por livros, panfletos, jornais e revistas. Não mencionamos aqui a superabundante existência de sítios na internet referentes ao Espiritismo, os quais disponibilizam os mais variados tipos de arquivos, contendo todo tipo de material escrito sobre o espiritismo, além de arquivos de áudio e vídeo. O nosso interesse nesta pesquisa

limita-se aos periódicos, jornais e revistas, disponíveis no fim do século XIX até um pouco mais da metade do século seguinte; assim sendo, os meios eletrônicos não fazem parte do escopo do nosso trabalho.

A imprensa espírita no Brasil⁴ surgiu com o jornal *O Eco d'Além-Túmulo*, na cidade de Salvador, na Bahia, pelas mãos de Luiz Olímpio Teles de Menezes (RAMOS, 1978, 5), em junho de 1869, também responsável pela fundação da primeira sociedade espírita legalmente constituída no país (WANTUIL, 1969, 570)⁵. O segundo jornal foi *O Espírita*, de Natal, Rio Grande do Norte, fundado em 1874, por Manoel Gomes; o terceiro periódico foi a *Revista Espírita*, pertencente ao Grupo Confúcio, da cidade do Rio de Janeiro, fundado em 1º de janeiro de 1875, dirigido por Antônio da Silva Neto; o quarto, também na cidade do Rio de Janeiro, foi a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*, fundada em 1881, por Antonio Pinheiro Guedes, Carlos Joaquim de Lima e Cirne, Francisco Siqueira Dias Sobrinho, José Antônio Val de Vaz e Salustiano José Monteiro de Barros, e gerenciada por Angeli Torterolli; o quinto foi o jornal *União e Crença*, de março de 1881, na cidade de Areias, no Estado de São Paulo, fundado como órgão do Grupo Espírita Fraternidade Areense; o sexto periódico foi *A Cruz*, de Recife, em Pernambuco, fundado em julho de 1881, pelo futuro presidente da FEB, Júlio Cesar Leal; o sétimo foi *O Espiritismo*, fundado na cidade do Rio de Janeiro, em outubro de 1881; o oitavo foi o jornal e, posteriormente, a revista *Reformador*, no Município Neutro, cidade do Rio de Janeiro, em 21 de janeiro de 1883, por Augusto Elias da Silva; o nono foi o jornal *Século XX*, na cidade de Campos, no interior do Estado do Rio de Janeiro, fundado em abril de 1885, por João Barreto, funcionando como órgão da Sociedade Espírita Concórdia; o décimo foi *A Luz*, de São Luiz do Maranhão, em julho de 1886, como órgão do Clube Espírita Redenção; o décimo primeiro foi *A Nova Era*, também na cidade do Rio de Janeiro, com início em 1º de janeiro de 1890, sob a direção de Antônio Francisco Pereira e Nelson Faria; o décimo segundo foi *Verdade e Luz*, fundado na capital do Estado de São Paulo, em maio de 1890, por Antônio Gonçalves Bатуíra; e o décimo terceiro foi *A Regeneração*, fundado na cidade de Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul, em meados de 1890, órgão oficial do Grupo Espírita Allan Kardec (RAMOS, 1978, 5 – 6).

Corroborando as afirmações do historiador Nelson Werneck Sodré, no seu livro *História da Imprensa no Brasil*, com exceção do *Reformador*, que até hoje é editado, os demais periódicos aqui listados tiveram vida curta (SODRE, 1999, 251), conforme Quadro 1.

⁴ Os dados apresentados nesse artigo referentes à fundação dos periódicos espíritas foram levantados a partir do exaustivo trabalho de levantamento de informações junto a Biblioteca Nacional do jornalista espírita Clóvis Ramos publicado em livro intitulado *A Imprensa Espírita no Brasil 1869 – 1978*, na cidade de Juiz de Fora em 1978 pela instituição espírita Instituto Maria.

Quadro 1 – A Imprensa Espírita no Brasil – Primeiros Anos

Nome	Duração
O Eco d'Além-Túmulo (mensal)	Pouco mais de um ano
O Espírita (quinzenal)	Não informado
Revista Espírita (mensal)	Seis números
Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade (mensal)	18 meses
União e Crença (mensal)	Não informado
A Cruz (semanário)	Não informado
O Espiritismo	Não informado
O Renovador	Cerca de um ano
Reformador (quinzenal e depois mensal)	De 1883 até a presente data
Século XX (quinzenal)	Não informado
A Luz (semanal)	Não informado
A Nova Era	Não informado
Verdade e Luz (quinzenal)	Não informado (+ de 32 anos)
A Regeneração	Não informado

Fonte: A Imprensa Espírita no Brasil 1869 – 1978 (RAMOS, 1978)

Nota: Dados trabalhados pelo autor.

Não poderia ser diferente o destino da grande maioria dos periódicos surgidos no Brasil oitocentista até meados dos novecentos, visto que a taxa de analfabetismo relativa à população com mais de cinco anos de idade atingia a marcas incríveis, conforme verificamos na Tabela 1.

Tabela 1 – Analfabetismo no Brasil

Ano	População Total	Pop. não Alfabetizada	%
1872	8.854.774	7.290.293	82,3
1890	12.212.125	10.091.566	82,6
1920	26.042.442	18.549.085	71,2
1940	34.796.665	21.295.490	61,2
1950	43.573.517	24.907.696	57,2
1960	58.997.981	27.578.971	46,7

Fonte: FERRARO, Alceu Ravanello. **Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?** Revista Educação e Sociedade. (FERRARO, 2002, 21 – 47).

Nota: Dados trabalhados pelo autor.

⁵ Grupo Familiar do Espiritismo, em 17 de setembro de 1865, na cidade de Salvador-BA.

Da mesma forma que os demais periódicos criados na mesma época em sua esmagadora maioria ligados às questões políticas, os periódicos espíritas revelavam as intenções de seus criadores na busca pela difusão de suas ideias e aspirações. Devido à incipiência e precariedade das gráficas existentes no país, as publicações eram muito semelhantes entre si, tendo como formato mais comum o de quatro folhas e duas colunas.

Somente a partir do início do século XX, quando as inovações técnicas estrangeiras se tornaram disponíveis às gráficas nacionais, entre elas, a introdução de novas técnicas de impressão e ilustração, e a possibilidade da impressão em cores, permitiram a criação de periódicos com maior número de páginas, capas mais atraentes e finalmente com maior tiragem (COBEN, 2013, 103 – 105).

O período delimitado entre o último quartel do século XIX e o início do século seguinte marca, segundo os especialistas, um período de inflexão para a trajetória da imprensa brasileira, como lembra a historiadora Tânia Regina de Luca, marcado pela introdução dos avanços tecnológicos em substituição à produção artesanal, impondo um caráter industrial aos impressos nacionais (DE LUCA, 2013, 149). Cabe ainda lembrar que esse período foi marcado pelo fim da escravidão, a implantação do regime republicano e sua busca pela erradicação do analfabetismo generalizado na sociedade brasileira, o crescimento urbano e o do setor de serviços na economia brasileira, com destaque para as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Além disso, foi o momento do crescimento e da prosperidade do ciclo do café, da grande leva de imigrantes, do crescimento da malha ferroviária e do início do primeiro surto industrial brasileiro (DE LUCA, 2013, 150). Assim, os jornais diários de uma forma geral, graças à introdução das máquinas rotativas, ao incremento das propagandas e ao aumento das redes de distribuição, em virtude da melhora e do crescimento da malha ferroviária ampliaram suas tiragens (COBEN, 2013, 104 – 105).

Para termos uma ideia da movimentação desse mercado ligado à imprensa, somente no Rio de Janeiro, por exemplo, em 1881, nasceram 95 novos periódicos; no ano seguinte, mais 64; em 1883, foram mais 56; enquanto em 1884, mais 37. Em 1888, surgiram mais 45 periódicos e, no ano seguinte, mais 29. Para encerrar esse século, nos dois últimos anos, surgiram 47 periódicos. Esses números nos dão uma ideia da efervescência da imprensa e do volume do público letrado. Outro exemplo importante ocorreu na cidade de São Paulo, onde apenas nas duas últimas décadas do século XIX, surgiram mais de seiscentas publicações (BARBOSA, 2010, 118).

Mais uma vez encontramos a imprensa espírita seguindo o mesmo padrão dos acontecimentos da imprensa leiga, dessa vez em relação ao crescimento de sua tiragem,

servindo-se da crescente importância dada ao saber ler como forma de distinção social. Diferentemente da França, como já mencionamos, na transferência do Espiritismo para o Brasil, a centralidade do livro e da leitura ganhou o caráter, de ascensão social, na qual saber ler e poder estudar eram marcas de pertencimento às classes médias e superiores (AUBRÉE; LAPLATINE, 1990, 196).

Outra característica marcante dos jornais e revistas das primeiras décadas da República Brasileira foi a busca pela novidade, pelo novo, onde as novidades ligadas às ciências e às técnicas pareciam não ter fim, vislumbrando uma época na qual tudo parecia possível (COBEN, 2013, 111 – 112). A busca pela modernidade trouxe transformações para a Capital Federal, novas avenidas, novos prédios construídos e, ao mesmo tempo, tentava-se derrubar tudo que simbolizava o atraso colonial. O advento da República catalisou esse processo de modernização, chegando até mesmo a definir uma nova identidade cultural para o Rio de Janeiro (BARBOSA, 2010, 118).

Os periódicos espíritas igualmente se aproveitaram dessa paixão pelo novo, não só em virtude do seu pouco tempo de existência, ou seja, 1857 criação na França e 1865 chegada ao Brasil, mas também pelas novidades da época, com o intuito de buscar ampliar seus espaços junto ao público leitor, como podemos observar em artigo assinado por Julio Cesar Leal, dividido nas primeiras páginas do *Reformador*, editados em 1º de janeiro de 1895, 15 de janeiro de 1895, 1º de fevereiro de 1895, intitulado *Electro-homeopatia – Suas vantagens sobre os demais systemas de tratamento médico* (LEAL, 1895).

Não só transformações físicas e tecnológicas viveram os periódicos da segunda metade do século XIX em diante, outra variação fundamental foi a mudança de atitude das publicações, passando de uma posição de doutrinação de seus leitores para tornarem-se veículos de informação, em que se consagrou a ideia de que ao jornal cabia a função de informar o que se passou, com rigoroso respeito à “verdade dos fatos”. Dessa maneira, devemos lembrar sempre do que ressaltou o filósofo Jürgen Habermas sobre a transformação dos periódicos europeus em imprensa comercial, em que os interesses econômicos acabaram por prevalecer sobre os demais, fatos esses que, guardadas as devidas proporções, também ocorreram no Brasil, conforme aponta De Luca (DE LUCA, 2013, 152 – 155).

Como vimos, a importância dada ao livro e ao letramento, por parte do Espiritismo, reporta-nos à ligação demonstrada por Michel de Certeau entre modernidade, progresso e livro, e a valorização da prática escriturística pela modernidade ocidental, prática esta que, segundo o autor, “assumi valor mítico nos últimos quatro séculos reorganizando aos poucos todos os domínios por onde se estendia a ambição ocidental de fazer sua história e, assim, fazer história” (CERTEAU, 2000, 224). Ainda conforme Certeau, a modernidade ocidental, nesse contexto, ligou o oral ao atraso, àquilo

“que não contribui para o progresso” (CERTEAU, 2000, 224). Assim, o Espiritismo e a sua supervalorização do escriturístico transbordam para os jornais espíritas, conferindo a eles um caráter de semente da “verdade”. O conteúdo por eles expressos, de forma semelhante aos demais jornais, sofre a tentativa de ser imposto ao leitor como reflexo da verdade absoluta; logo, aquilo que está escrito nos jornais espíritas, somente pelo fato de ter sido escrito ou vinculado, é suficiente para possuir o sentido de verdade.

A criação e a manutenção financeira dos jornais e revistas espíritas, como os demais congêneres lançados no mercado editorial brasileiro do fim do século XIX e início do XX, dependiam do idealismo de seus executores, fato esse responsável pela diminuta vida desses periódicos (COBEN, 2013, 104 – 105). De forma geral, a vida dos periódicos dependia da saúde financeira de seus criadores, ou das assinaturas e da publicidade por eles vinculadas, sendo, naqueles veículos menores, a dependência das amizades na obtenção da publicidade praticamente uma regra; dessa forma, vital para a sua subsistência (COBEN, 2013, 106). Também como fruto do idealismo de seus fundadores e mantenedores, os periódicos espíritas circulavam com o propósito explícito de divulgação da nova doutrina, defendendo os interesses de seus criadores, servindo-se dos sistemas de assinaturas e propagandas para a sua manutenção, conforme podemos observar na Figura 1 retirada da página 1, do número 1, editado em 15 de janeiro de 1883, do *Reformador*⁶.

⁶ Todas as imagens encontradas neste trabalho referente às páginas do Reformador foram retiradas do Acervo da Biblioteca Nacional na cidade do Rio de Janeiro.

Tânia de Luca apresenta um depoimento do poeta Olavo Bilac, datado do início do século XX, no qual tecia comentários desoladores a respeito da situação dos jornais e do analfabetismo no Rio de Janeiro:

O jornal é um problema complexo. Nós adquirimos a possibilidade de poder falar a um certo número de pessoas que nos desconheceriam se não fosse a folha diária; os proprietários de jornal vêm limitada, pela falta de instrução, a tiragem das suas empresas. Todos os jornais do Rio não vendem, reunidos, cento e cinquenta mil exemplares, tiragem insignificante para qualquer diário de segunda ordem na Europa. São oito os nossos! Isso demonstra que o público não lê [...]. E por que não lê? Por que não sabe! (RIO, 1908, 10 – 11).

No entendimento da autora, os próprios dados apresentados por Bilac deveriam estar superestimados, visto que outros contemporâneos do poeta apresentavam dados bem mais modestos. Consequentemente, conforme De Luca, a demanda por leitura era diminuta, o que dificultava a disputa pelo mercado entre os jornais existentes, os quais buscavam nessa fonte grande parte de seu sustento (DE LUCA, 2013, 157).

Devemos manter em mente que parte da circulação desses jornais efetuava-se em outras cidades do país, tendo em vista a posição privilegiada da cidade do Rio de Janeiro como capital da República (BARBOSA, 2010, 201). Do mesmo modo, contribuía, para esse número de leitores, as estratégias redacionais e editoriais empregadas por esses periódicos em busca de novos leitores. Ressalta-se aqui a exploração do jornal como algo notadamente visual, chegando a publicar páginas inteiras somente com ilustrações; dessa maneira, era possível atrair uma parte dos componentes do grupo de excluídos da sociedade, tornando-os leitores extensivos desses mesmos periódicos (BARBOSA, 2013, 199).

Uma das estratégias mais eficazes implementadas pelos periódicos em busca de novos leitores, também usada pelos jornais e revistas espíritas, foi a publicação de obras aos pedaços em suas páginas, os chamados folhetins, os quais estimulavam a curiosidade e a imaginação de seus leitores, fazendo com que eles adquirissem os novos exemplares (MOREL; BARROS, 2003, 54 – 55).

Figura 4 – Folhetim



Fonte: Reformador Acervo da Biblioteca Nacional.⁹

O público feminino foi afetado de modo mais contundente por essa forma de publicação das obras por intermédio dos jornais. Como assinala Ubiratan Machado, o Brasil possuía uma sociedade marcadamente patriarcal, sobrando às mulheres algumas “as primeiras aventuras de libertação” através da literatura (MACHADO, 2001, 39). O autor ainda ressalta que, a partir da segunda metade do século XIX, o número de mulheres alfabetizadas passou por um processo de incremento, facilitando a entrada da leitura em suas casas por meio da leitura em voz alta, ou coletiva, irradiando-se, assim, pela família. Fato que não passou despercebido pelos autores que passaram a investir nesse crescente segmento de mercado, ampliando as vendas dos jornais e revistas (MACHADO, 2001, 39 – 40).

A fim de pensarmos nos números de possíveis leitores dos jornais e revistas daquela época, devemos trazer à lembrança, como aponta a historiadora Marialva Barbosa, que a leitura desses periódicos envolvia, muitas vezes, a mistura do mundo da oralidade com o mundo das práticas escritas. Da mesma forma que existia a leitura silenciosa por parte de alguns leitores, ocorria da mesma maneira leituras em voz alta, após o jantar em família, no trabalho, em lugares públicos, como as tabernas e os bares (BARBOSA, 2013, 200 – 203). Ainda segundo Marialva Barbosa, muitos dos leitores desses periódicos sabiam ler, sem saberem escrever, outros, ainda, não sabiam ler nem

⁹ Trecho de um folhetim publicado no Reformador. Folhetim.Reformador. Rio de Janeiro, ano XIV. N. 312, 15 de fev. 1896, p. 3.

escrever, mas por intermédio de outros, tomavam ciência dos escritos ali existentes. A leitura coletiva fazia com que os textos fossem transmitidos oralmente a outras pessoas, possibilitando o alargamento do número de leitores e mesmo proporcionava novas interpretações dos fatos ali narrados, tendo em vista a influência causada pelo leitor e as discussões daí geradas. Portanto, conforme afirma a autora, os jornais possuíam mais ouvintes do que leitores (BARBOSA, 2013, 203 – 205).

A leitura desses periódicos, em voz alta, em torno da família, dos amigos, no ambiente da casa, ou silenciosamente, no trajeto de casa para o trabalho e vice versa, nos bondes, nos trens, ao ar livre, e das duas formas, no ambiente de trabalho, nas horas vagas do dia, coloca em destaque uma sociabilidade particular. Muitos sabiam ler, sem saber escrever. Outros não sabiam ler, nem escrever, mas tomavam contato com os sinais impressos naquelas páginas. Os jornais tinham, seguramente, mais ouvintes do que leitores e foram mais ouvidos e vistos do que lidos (BARBOSA, 2013, 203).

O escritor e poeta Coelho Neto, em seu texto intitulado *A Antiga Cidade*, comentava, a título de curiosidade, como um exemplar do *Jornal do Commercio* era lido por várias pessoas durante o mesmo dia:

Terminada a leitura, o taberneiro entregava o jornal ao caixa para que levasse ao freguês mais importante e, até à noite, a folha andava de casa em casa, lida, relida, informação sobre política, sobre o preço dos gêneros e das fazendas, sobre os casos das ruas e fazendo sorrir e chorar com os episódios do folhetim, sempre suspenso no ponto mais interessante (NETTO, 1911,67).

Elmano Cardim, jornalista e ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, em conferência realizada a respeito do sesquicentenário do *Jornal do Commercio*, fez alusão à oralidade como forma de apreensão do conteúdo do referido jornal, em relação ao início do século XX, por causa das altas taxas de analfabetismo:

O texto era antes feito para ser falado e ouvido do que para ser lido, donde, talvez, um certo ar grandiloquente e retórico da nossa figura típica de intelectual, de que Rui Barbosa seria aqui ‘o homem e o mito’ [...]. Também o

costume doméstico dos serões foi outra instituição que muito contribuiu para ampliar os nossos públicos, aí incluindo, mesmo, os analfabetos (CARDIM, 1978, 121).

Esses fatos criavam um número indefinido de “leitores” dos periódicos daquela época. Da mesma maneira, podemos inferir sobre o número de leitores dos periódicos espíritas, imaginando que a quantidade de pessoas por eles atingidas seria maior do que aqueles informados apenas pelo volume de suas tiragens. Não podemos cair na ideia simplista sobre a existência de um abismo, o qual separava a “elite letrada” da “plebe ignara e inculta”, como se autorreferenciavam os membros da primeira, e assim reproduzir acriticamente a condição por eles criada. Havia uma relação entre a elite letrada e as demais camadas sociais estabelecidas formalmente ou não. A questão da circularidade cultural, como apontam Bakhtin e Ginzburg, em seus consagrados estudos, nos ajudam a pensar a propósito da atuação dos analfabetos, dos escravos e libertos e das mulheres, como leitores e/ou ouvintes. Portanto, a noção de uma imprensa “elitista” deve ser relativizada a fim de refletirmos sobre o número de leitores.

Na cidade do Rio de Janeiro, como também nas demais cidades brasileiras, inicialmente, as tipografias e as livrarias, e, posteriormente, as redações dos próprios periódicos, atuavam como locais de sociabilidades formais e informais, habitualmente frequentados por redatores e leitores onde ocorria a venda de periódicos, impressos, leituras coletivas, além de conversas, debates, laços de solidariedade política, principalmente em fins do século XIX (MOREL; BARROS, 2003, 44 – 45).

Morel e Barros chamam a nossa atenção ainda para a necessária relativização do consagrado fosso entre os letrados, a imprensa e os escravos e libertos. Embora seja clara a extrema dificuldade dos cativos ou libertos em se livrarem da condição de analfabetos, existiam algumas saídas para driblarem essas adversidades, como, por exemplo, a existência de lugares que proporcionavam leitura pública, a qualquer leitor, como a Biblioteca Real, as leituras em voz alta em pequenos grupos, nas ruas, tabernas, boticas ou residências. Assim, as esferas da escrita e da oralidade encontravam-se, ao mesmo tempo, na mesma sociedade, possibilitando o contato e a interação entre ambas, representada nesse momento pelas elites e as camadas pobres da sociedade, inclusive dos escravos. Os escravos não eram apenas mercadorias, mas também sujeitos da história (MOREL; BARROS, 2003, 86 – 99).

No período que compreende o lançamento do primeiro jornal espírita *Eco D'Além Túmulo*, em 1869, até o fim do século XIX, foram lançados 38 periódicos ligados ao movimento espírita em todo o Brasil, na primeira década do século seguinte; 33 novos surgiram no cenário nacional; na década de 1911 a 1920, surgiram mais 23; enquanto

entre os anos de 1921 a 1930, novos 38 periódicos vieram ao mundo; entre 1931 e 1940, surgiram mais 84 novos periódicos; na década seguinte até o 1950, mais 50 novos títulos passaram a existir e, finalmente, entre 1951 e 1960, vieram à luz 62 novos periódicos espíritas.

Portanto, nesse período de oitenta anos, foram fundados 337 periódicos espíritas no Brasil, ou seja, uma média de 4,2 periódicos por ano. Como citamos anteriormente, quase nenhum deles teve uma vida longa; porém, o *Reformador* – 1883, *O Clarim* – 1905, a *Revista Internacional de Espiritismo* – 1925 e o *Mundo Espírita* – 1932 pertencem à classe das grandes exceções, pois continuam a ser impressos ainda hoje (2016).

Embora no período compreendido entre os anos de 1931 a 1940, o Espiritismo ainda sofresse em relação às suas demandas com os saberes médicos e jurídicos, e também com a perseguição religiosa movida pela Igreja Católica, como podemos observar, a média de criação de periódicos, 8,4, foi o dobro da média do período de oitenta anos analisado, de 4,2. O segundo período de maior incidência na criação de periódicos espíritas foi o compreendido entre os anos de 1951 a 1960, com a média anual de 6,2, espaço de tempo que marca o início da solidificação da FEB como principal instituição do Campo Espírita Brasileiro, e também marca o início do abrandamento dos grandes enfrentamentos do Espiritismo e de seus oponentes históricos, ou seja, saberes médicos e jurídicos e a Igreja Católica.

O Espiritismo, com sua supervalorização do livro, corrobora um dos seus mais famosos epítetos “A Religião do Livro”, como pudemos observar ao longo desse artigo, desde a sua chegada ao Brasil, até mesmo antes desse período, comportando-se como uma religião eminentemente letrada, codificada, na qual o livro, a leitura e o estudo ocupam, lugar central tanto na definição da identidade de seu adepto, quanto ocupa lugar de destaque no seu sistema ritual. Esse caráter letrado da Doutrina Espírita, embora possa parecer uma impossibilidade, quando analisamos os altíssimos níveis de analfabetismo existente na sociedade brasileira, durante todo o período aqui pesquisado, não foi capaz de obstruir a expansão do movimento no interior da sociedade brasileira, demonstrando, assim, a capacidade do Movimento Espírita Brasileiro em driblar, essa aparente contradição entre o crescimento em números absolutos de seus adeptos e o número absurdo de analfabetos. Assim, as esferas relativas à escrita e a oralidade sempre presentes em nossa sociedade, lado a lado, possibilitaram o contato e a interação entre ambas, promovendo a circularidade cultural, responsável pela difusão de uma cultura espírita em nossa sociedade, lembrando mais uma vez os estudos de Bakhtin e Ginzburg sobre esse assunto. Assim, foi possível a existência da enorme quantidade de periódicos espíritas lançados ao longo dos anos, e posteriormente serviu de causa para o boom do

mercado editorial religioso, mormente o espírita, nas décadas finais do século XX, período esse fora do escopo desse artigo.

Referências Bibliográficas

- Annuncios. *Reformador*. Rio de Janeiro, ano 1. n. 6, 1º abr. 1884.
- AUBRIÉE, Marion; LAPLATINE, François. *La table, le livre et les esprits*. Paris: JC Lattès, 1990.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800 - 1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARBOSA, Marialva. *História da comunicação no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Kardecismo e Umbanda*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.
- CARDIM, Elmano. No sesquicentenário do Jornal do Commercio. Rio de Janeiro.1978, p. 121. Apud BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800 - 1900*.Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O Mundo Invisível: Cosmologia, Sistema Ritual e Noção de Pessoa no Espiritismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- COBEN, Ilka Stern. Diversificação e Segmentação dos Impressos. In: DE LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luíza. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 103-105.
- DE LUCA, Tânia R. A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX. In: DE LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luíza. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.
- FEB. *Divulgue o Espiritismo*. Brasília: FEB, 2002.
- FERRARO, Alceu Ravello. *Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?* Revista Educação e Sociedade. Campinas, v. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002.
- Folhetim. *Reformador*. Rio de Janeiro, ano XIV. N. 312, 15 de fev. 1896.
- LEAL, Julio Cesar. Electro-homeopathia – Suas vantagens sobre os demais systemas de tratamento médico. *Reformador*. Rio de Janeiro, n. 285, p. 1, 1º jan. 1895. Também nos números 286 (15/01/1895) e 287 (01/02/1895).
- LEWGOY, Bernardo. *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista*. 2000. 360 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – FFLCH/USP, 2000.
- MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

- MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- NETTO, Coelho. Palestras da Tarde. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.p.67. Apud BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800 - 1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais. IBGE. Disponível em: <<<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>>>. Acesso em: 15 jun. 2014.
- RAMOS, Clovis. *A Imprensa Espírita no Brasil 1869 – 1978*. Juiz de Fora-MG. Instituto Maria, 1978.
- Reformador. *Reformador*. Rio de Janeiro, ano 1. n. 1, 15 jan. 1884.
- RIO, João do. O Momento literário. Rio de Janeiro: Garnier, 1908. p. 10-11. Apud DE LUCA, Tânia R. A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX. In: DE LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luiza. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 156-157.
- SILVA, Fábio Luiz da. *Espiritismo: história e poder (1938 – 1949)*. Londrina: EDUEL, 2005.
- SODRE, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.251.
- WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec: o educador e o codificador*. Vol:1. Rio de Janeiro: FEB, 2004.
- WANTUIL, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*. Rio de Janeiro: FEB. 1969.